



João Rebelo/Lusa

A distinção, em Lisboa, aproveitou a visita do escritor a Portugal, em férias

Mario Vargas Llosa recebe honoris causa em Lisboa

Universidade Nova de Lisboa entregou a distinção
ao escritor peruano, vencedor do Nobel em 2010

MARIA ESPÍRITO SANTO
maria.espiritosanto@ionline.pt

A cerimónia aconteceu ontem na reitoria da Universidade Nova de Lisboa, onde se juntaram várias caras conhecidas para presenciar o momento em que Mario Vargas Llosa recebeu o doutoramento *honoris causa*. O escritor de 78 anos, autor de romances e ensaios, é reconhecido internacionalmente, como comprovam vários prémios, entre eles o Cervantes, em 1994, e o Nobel, em 2010. Para a distinção, em Lisboa, aproveitou-se a visita do escritor a Portugal, em férias.

“O fascínio do contar contamina o leitor.” As palavras são de Nuno Júdice, o poeta e professor que propôs o nome do autor peruano. Depois de vários discursos e até momentos de música, proporcionados pelo coro, aconteceu o momento formal, em que o reitor da universidade entregou o grau de doutor a Mario Vargas Llosa. Quando lhe foi dada a palavra, agradeceu a homenagem e destacou a responsabilidade intelectual e cívica, a sua e das universidades por todo o mundo.

Viajou ainda no tempo e no espaço, mais precisamente a Londres, ao recordar o período em que se cruzou com José Cardoso Pires (1925-1998), que se tornou um amigo, e as leituras de Fernando Pessoa, que não seriam possíveis sem a influência do autor português. Reconhecido pela sua voz polémica e contestatária, o candidato à presidência do seu país nos anos 90 realçou ainda que a “literatura é uma arma” que não se deve restringir ao entretenimento e à diversão.

Na literatura peruana actual confirma existem novas vozes que espelham a sociedade e a realidade do país, inclusive um fenómeno importante de novas leituras no feminino. Autor de títulos como “A Casa Verde” (1966), “A Tia Júlia e o Escrevedor” (1977) ou “O Sonho do Celta” (2010), contou ainda em conferência de imprensa estar a trabalhar numa peça de teatro “Los Cuentos de La Peste”. Ao autor que dizia que a escrita serve para preencher vazios não bastou mais de meio século dedicado à palavra: “Tenho muitos vazios. Acho que tenho mais ideias do que as que poderei escrever.”